

TRABALHO E GARIMPO: atividade garimpeira de diamantes na Comunidade de Douradinho no município de Coromandel/MG

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves¹
ricardoassisgeo@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça²
ufgmendonca@gmail.com

Resumo: A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão é constituída por resultados preliminares sobre a atividade garimpeira e as relações de trabalho e produção em áreas de garimpos de diamantes na Comunidade de Douradinho no município de Coromandel/MG. O recorte espacial são áreas que foram exploradas pela atividade garimpeira. A metodologia utilizada é baseada na pesquisa qualitativa, com ênfase em mecanismos participativos para compreender a apropriação do espaço e produção dos territórios. Nos últimos anos a atividade garimpeira de diamantes tem presenciado um amplo processo de (re)organização, como atuação de empresas transnacionais controlando os registros de subsolo, surgimento de cooperativas, transformações nas relações de trabalho e ampliação da legislação ambiental e minerária.

Palavras-chave: Garimpo de diamante. Garimpeiro. Trabalho. Território. Comunidades Camponesas Garimpeiras.

WORK AND MINING: diamond mining activity in the Community of Douradinho in Coromandel - MG

The research developed at the Graduate Program in Geography, Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão consists of preliminary results on gold mining and labor relations and production in areas of diamond mining in the Commonwealth of Douradinho in Coromandel - MG. The spatial area are areas that were exploited by mining activity. The methodology is based on qualitative research, with emphasis on participatory mechanisms for understanding the appropriation of space and production of the territories. In recent years the diamond mining activity has seen a broad process of (re)organization, and activities of transnational corporations controlling the records of underground development of cooperatives, changes in labor relations and expansion of mining and environmental legislation.

Key-words: Mining Diamond. Miner. Geography. Territory. Miner Peasants Communities.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM/CNPq.

² Professor dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão. Membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM/CNPq.

Introdução

Vastas áreas em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia constituem espaços tradicionais da atividade garimpeira, às quais se juntaram, principalmente a partir de meados do século XX, porções da Amazônia. Com ênfase no estado mineiro, após séculos de exploração de ouro e diamantes, esgotamento de jazidas e na medida em que a legislação ambiental, minerária e do trabalho foram sendo ampliadas, tornando-se mais rigorosas, intensificou-se a fiscalização nos garimpos. Mesmo diante dessas questões, dificultando o trabalho do garimpeiro manual, a extração desses minerais permaneceu significativa em muitas partes de Minas Gerais. De acordo com Martins (2008), os garimpos de metais e pedras preciosas ainda estão presentes na Zona Metalúrgica, no Vale do Jequitinhonha, no Vale do Mucuri, no entorno de Paracatu e no Alto Paranaíba. Por isso, pode-se afirmar que os garimpeiros são *personagens* de destaque na formação histórica e cultural mineira.

Com o descobrimento das primeiras ocorrências de diamantes empreendidas por aventureiros a procura de riquezas em Coromandel/MG, a extração desse mineral se dá desde o início do século XIX. De acordo com Machado (1998, p. 21) no fim do século XVIII e início do século XIX,

Com a intenção de reanimar a mineração do ouro, a metrópole franqueou regiões diamantíferas que estavam em seu poder como reserva. A corrida desenfreada dos garimpeiros em busca dessas pedras, assim como o contrabando, se tornaram incontrolláveis. Exploradores migrantes de velhas áreas exauridas e aventureiros portugueses utilizaram a região do Alto Paranaíba à procura de novos veios de ouro e diamantes, especialmente o município de Coromandel, ponto de passagem para Goiás e Paracatu.

Assim, percebe-se que, mesmo com a decadência da extração de ouro se estendendo em Minas Gerais, na exploração de diamantes o nível da atividade continuou alto, não só no antigo distrito diamantino, como em novas áreas, em especial no Alto Paranaíba. Desde então, a exploração vem se efetuando, sempre incitando a continuidade das atividades, responsáveis por considerável movimentação econômica, além de fazer parte da tradição cultural do município.

Considerando os aspectos históricos e geográficos da extração de diamantes no município de Coromandel/MG, os garimpos na Comunidade de Douradinho, no vale do Rio Douradinho (chamado por muitos garimpeiros como *Douradinho dos diamantes*) se inserem como um local de referência, quando se considera a extração de diamantes. O recorte geográfico se justifica pela presença de garimpeiros, *trabalhadores da terra*³, agricultores camponeses, comerciantes

³ Para Mendonça (2004, p. 29) “[...] são aqueles que exercem o labor na terra e, portanto, possuem no trabalho rural as condições essenciais para a sobrevivência. Compreende os trabalhadores rurais assalariados, nas suas

locais e diarista, que exerciam a atividade de maneira esporádica e/ou complementar e, como qualquer garimpeiro, são movidos pelo sonho de enriquecimento. Além disso, destaca-se os interesses de empresários e empresas transnacionais apropriando o subsolo. Essa variedade de sujeitos e características que compõem as áreas de garimpos, assim como a apropriação do território, movimentação econômica, problemas ambientais decorrentes (assoreamento dos rios, retirada da vegetação superficial, erosão dos solos, destruição de áreas de preservação permanente etc.), e sociais (desemprego, informalidade e fluxo para as periferias urbanas) possibilita a relação com a Geografia, tornando-se um viés de estudo por parte dessa ciência.

Procura-se destacar na pesquisa os fenômenos mais expressivos capazes de possibilitar a compreensão das tramas de relações que envolvem os garimpos e como isso se reverbera na construção do espaço geográfico através da atividade garimpeira de diamantes. No decorrer desta pesquisa traremos para o âmago da discussão algumas reflexões sobre as transformações nas relações de trabalho no garimpo de diamantes na Comunidade de Douradinho, buscando caracterizar as áreas que já foram exploradas pela atividade garimpeira de diamantes.

A Geografia enquanto ciência sustenta-se em diversas metodologias que propiciam investigações diferenciadas, contribuindo para afirmar e/ou negar posições políticas e científicas (MENDONÇA, 2004). Neste artigo a metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, considerando mecanismos participativos para compreender a apropriação do espaço e produção dos territórios, as perspectivas, reivindicações e experiências construídas pelos diversos sujeitos sociais envolvidos. São eles, os garimpeiros, *trabalhadores da terra*, agricultores camponeses, donos de garimpo, fazendeiros, cooperativas e parceiros.

Quanto aos procedimentos metodológicos e instrumentos norteadores, consideram-se diversos fatores (políticos, sociais, geográficos econômicos, culturais etc.) que serão contemplados na pesquisa, enfatizada mediante as seguintes etapas: *Pesquisa documental*: inclui o levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos, banco de teses, bem como, o resgate de informações históricas e levantamento de dados em órgãos públicos, cooperativas e outras instituições; *Documentação direta*: consiste na realização de Pesquisa de Campo com o objetivo de compreender as condições de vida e trabalho dos camponeses e garimpeiros.

A revisão bibliográfica é fundamentada em autores que abordam a temática garimpo e garimpeiros, com base nas pesquisas desenvolvidas por Martins (2008), Póvoa Neto (1998) e Barbosa (1991). Neste mesmo contexto, as informações específicas sobre a atividade garimpeira no município de

diversas modalidades, camponeses, agregados, parceiros, arrendatários etc., que estabelece o sentido pleno da vida na terra e, em situação de *desfiliação social*, forjam a luta pela terra e pela reforma agrária, territorializando ações políticas contra o capital.”

Coromandel/MG e em Douradinho são fundamentadas em informações e dados fornecidos por Machado (1998), pela Fundação João Pinheiro (2002) e o jornal *Garimpando Notícias* (2009), organizado pela Cooperativa dos Garimpeiros de Coromandel e Região (COOPERGAC). A leitura geográfico dos territórios e análise da categoria trabalho também ganham importância no texto, para isso priorizamos as contribuições teóricas de Mendonça (2004), Thomaz Júnior (2009), Antunes (2008). Nos últimos anos, a garimpagem de diamantes tem presenciado processos de (re)organização, com rebatimentos nos territórios e no trabalho.

Trabalho, garimpo e atividade garimpeira de diamantes na comunidade de Douradinho

Ao longo da história o trabalho desempenhou um papel central para o progresso humano. De acordo com Thomaz Júnior (2009) ontologicamente prisioneiro da sociedade, o trabalho, em todas as suas dimensões é a base do auto-desenvolvimento da vida material e espiritual. Para Antunes (2008, p. 3) “[...] na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência, pela conquista da dignidade, humanidade e felicidade social, o mundo do trabalho tem sido vital”. Pode-se perceber a partir das reflexões de Antunes (2008) que o trabalho define a essência humana, a qual pode ser descoberta na existência social e histórica do ser humano.

Para Marx (1994) através do trabalho o ser humano se exterioriza e se expressa. Pode-se afirmar que o trabalho representa uma resposta às exigências e necessidades do ser humano. Considerando o trabalho como a relação sociometabólica do homem com a natureza, a atividade do garimpeiro é caracterizada a partir trabalho enquanto relação munida de sentidos e significados próprios desses sujeitos com a natureza. A ação dos garimpeiros com o garimpo envolve um processo de exteriorização de sonhos, preocupação com o futuro e possibilidades de enriquecimento, além de *saberes/fazer*es próprios do labor cotidiano.

Quanto à extração de diamantes, os garimpeiros demonstram persistência, sonham em se enriquecer através desta atividade, que para Bernardo Guimarães (1995, p. 53) em seu romance *O Garimpeiro* “[...] seduz e cega o homem mais do que a mesa do jogo ou a meretriz artificiosa.” Associando o garimpeiro com a jogada de sorte em sua obra literária, o autor afirma que a sorte e esperança do garimpeiro são “[...] como a do jogador nas cartas do baralho, nos dados ou no tabuleiro verde do bilhar; isto é, sua felicidade dorme na urna do acaso, de onde as mais das vezes nunca sai.” (GUIMARÃES, 1995, p.53).

Sobre a etimologia da palavra garimpeiro e seu significado diante da atividade, Póvoa Neto (1998) evidencia que,

A palavra em si constitui neologismo de origem brasileira, surgido no século XVIII com referência à situação ilegal e à mobilidade espacial de trabalhadores que, fora do esquema produtivo dominante, polarizado entre senhores e escravos, mineravam por conta própria em áreas rigorosamente interditas para tal. (PÓVOA NETO, 1998, p. 75).

Para o autor, o primeiro texto a apresentar a palavra com significado já cristalizado pelo uso do termo garimpeiro é o do naturalista e mineralogista José Vieira Couto, em 1801, onde o termo garimpeiro é apresentado como aos que mineram furtivamente as terras diamantinas, e que assim são chamados por viverem e andarem escondidos pelas grimpas das serras. (PÓVOA NETO, 1998).

Segundo o Estatuto do Garimpeiro (2008), os garimpeiros são entendidos como toda pessoa física de nacionalidade brasileira que, individualmente ou em forma associativa, atuam diretamente no processo da extração de substâncias minerais garimpáveis, como ouro, diamante e cassiterita. Já o garimpo é caracterizado como o local em que se dá a extração dessas substâncias, com aproveitamento imediato do jazimento mineral que, por sua natureza, dimensão, localização e utilização econômica, possam ser lavradas independentes de prévios trabalhos de pesquisa mineral, mediante trabalho manual, caracterizado pelo uso de ferramentas rudimentares como picareta, pá, peneira etc., ou pelo processo mecanizado. (ESTATUTO DO GARIMPEIRO, 2008).

Para Martins (2008) mesmo diante de sua inegável relevância econômica, histórica e cultural, garimpo e garimpeiro enfrentam, nas últimas décadas, conjuntura difícil. A atividade e seus praticantes adquiriram imagem bastante negativa, tornando-se ícone do “Brasil atrasado, pobre e violento” que se deseja superar por meio da modernização e desenvolvimento capitalista dos territórios. Neste mesmo contexto Barbosa (1991, p. 1) assevera que,

Os garimpeiros foram trazidos à luz por conjuntos discursivos que viram neles a negação do Brasil novo que se quer construir, do país moderno e eficiente que se almeja, pois são primitivos, desorganizados e poluidores; do país justo e igualitário, pois são produto de estruturas econômicas perversas. Garimpo e garimpeiros foram, assim, instaurados como opositores [...] do meio ambiente bem cuidado, das sociedades indígenas preservadas, da grande empresa eficiente e não-espoliadora, e das relações de trabalho humanas e bem remuneradas.

O discurso da *homogeneização do território* atinge as áreas de garimpo e espaços tradicionais da vida e do trabalho, sem nenhuma consideração com as especificidades, tradições e modos de vida. Nem todos os garimpos são forjados pela rápida mobilidade. Nos garimpos de diamantes em Coromandel, por exemplo, as áreas de garimpagem são localizadas em comunidades onde a vida e o trabalho na terra e no garimpo se imbricam. A maioria dos garimpos também são

camponeses e possuem uma relação de identidade e enraizamento com o lugar onde vivem e trabalham. Por isso, as comunidades onde vivem e trabalham a relação do com a terra é histórica e faz parte da cultura e dos saberes dos sujeitos, se caracterizando como comunidades *camponesas garimpeiras*, como Douradinho.

Nos últimos anos, com a disseminação de uma visão estereotipada do garimpo, os garimpeiros são negligenciados pela ação do Estado e do capital hegemônico, territorializado através de grandes empresas mineradoras transnacionais. O garimpeiro manual é associado ao atraso, ilegalidade, depredação do meio ambiente e prostituição, enquanto a mineração empresarial, mediante a atuação de empresas nacionais ou transnacionais torna-se sinônimo de modernidade, ajustamento e preocupação com os recursos naturais. A atuação do Estado também se faz presente, aliado aos interesses hegemônicos e abrindo espaço para o grande capital e fortalecendo suas ações.

Nas últimas duas décadas, os garimpos no Município de Coromandel/MG e em especial na Comunidade de Douradinho, presenciaram amplo processo de paralisação, ou seja, a atividade garimpeira manual e mecanizada de diamantes foi interrompida, dificultando a continuidade do trabalho do garimpeiro. Esse contexto gerou desemprego para aproximadamente 3.000 garimpeiros que dependiam da atividade em todo o município. Atualmente, os garimpeiros que exercem a atividade no município estão associados à Cooperativa dos Garimpeiros de Coromandel e Região (COOPERGAC). Esse processo foi fortalecido a partir da Constituição de 1988. Segundo o Art. 174, o Estado favorece a organização da atividade garimpeira em cooperativas e, essas têm prioridade na autorização ou concessão para pesquisa e lavra dos recursos e jazidas de minerais garimpáveis.

Em Douradinho, camponeses e garimpeiros ainda vivem na terra produzindo para o auto-consumo e venda do excedente. Quando o garimpo era liberado, esses sujeitos imbricavam a vida e trabalho na terra com o garimpo de diamantes. Por outro lado, muitos garimpeiros se dedicam exclusivamente ao garimpo, em contrato com algum fornecedor. O *fornecimento* para o financiamento da atividade garimpeira manual é um parâmetro importante para o entendimento da lógica financeira do garimpo manual.

Os *fornecedores* são indivíduos que mantêm contrato direto e individual com o garimpeiro, sob nenhuma documentação formal, apenas pela *palavra*. O fornecedor se comprometia a suprir as necessidades pessoais do garimpeiro como moradia (na maioria, os garimpeiros residiam no próprio garimpo em barracos de lona), alimentação, roupas e ferramentas, enquanto esse se dedica à garimpagem. Em contrapartida, o garimpeiro se comprometia a dividir com o fornecedor os resultados da venda dos diamantes encontrados.

Entre os garimpeiros havia também agricultores camponeses, comerciantes locais, diaristas, aventureiros e desempregados, que exerciam a atividade de maneira esporádica e/ou complementar, chamados de *faiscadores*.

Outro importante sujeito social no garimpo é o fazendeiro, dono da terra onde se localizam as áreas de garimpos, é esse personagem que decide sobre a lavra no interior de sua fazenda. Os contratos consistem na permissão de garimpo em suas terras em troca de uma porcentagem, que varia entre 10% e 15% da produção obtida na atividade de garimpagem. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2002).

Com o descobrimento das primeiras ocorrências no início do século XIX, a extração de diamantes passou a desempenhar um papel significativo no setor econômico, social e político no município de Coromandel/MG. Desde então a exploração de áreas para garimpo foi se efetuando, incitando a continuidade das atividades, com destaque para os garimpos na Comunidade de Douradinho. Os garimpos nesta Comunidade eram responsáveis por considerável movimentação econômica, vinculada ao trabalho manual e mediante o processo de mecanização da atividade garimpeira. Dados da Fundação João Pinheiro (2002) evidenciam que através da atividade dos garimpeiros manuais de diamantes, em entrevista com 73 garimpeiros de Douradinho, 38 acharam diamantes, responsáveis por um número total de 109 pedras, com percentual de 34% de todos os diamantes encontrados no município.

Em outras áreas de garimpo em Coromandel, como Santo Inácio, verifica-se processos de modernização técnica e tecnológica nos garimpos. O processo de mecanização nos garimpos evidencia novas dinâmicas e relações contratuais, com o objetivo de aumentar a produtividade no garimpo mecanizado chega-se a remover e lavar 17 caminhões/dia de cascalho, intervindo em grandes áreas, rapidamente degradadas, com maiores riscos de acidentes e redução da mão-de-obra. Diante da situação atual (2010) verificada nos garimpos, empresários locais e empresas mineradoras procuram ampliar suas atividades, reduzindo os garimpos com lavras artesanais. Em Douradinho esse processo vem sofrendo interrupção desde os anos 90 do século XIX, diante da ampliação das leis ambientais e minerárias, apropriação do subsolo, além de fiscalização mais acirrada nos garimpos.

Os garimpeiros também vêm perdendo seu *campo de trabalho* diante da territorialização dos interesses de empresas transnacionais do setor de diamantes, que passaram a controlar os registros de subsolo no município, gerando processos de apropriação e conflito com garimpeiros, camponeses e fazendeiros. Por outro lado, em garimpos como Santo Inácio, a presença de empresas de mineração nas áreas tradicionalmente ocupadas pelos garimpeiros vêm substituindo o *trabalho vivo* e acentuando o desemprego nos garimpos. A redução dos garimpeiros manuais ainda se justifica pelas pressões ambientais, dificultando as atividades dos garimpeiros manuais.

O Estado não coíbe a ação das empresas transnacionais, que são as maiores detentoras de títulos minerários no município de Coromandel/MG. Exemplo disso é a atuação do Grupo “Brazilian Diamonds” (SAMSUL Mineração e COBRE SUL Mineração) que chegou a possuir aproximadamente 66.000 hectares de áreas

de subsolo registradas no município de Coromandel, sem gerar um único emprego ou coleta de impostos. Por outro lado, a COOPERGAC detém apenas 197 hectares de áreas legalizadas, diante de um potencial de 160.000 hectares de potencial para exploração de diamantes e terrenos aluvionares (GARIMPANDO NOTÍCIAS, 2009).

Esse quadro vem sendo criticado pela ação da COOPERGAC desde a década de 1990, com denúncias, organização e ações que tem forjado Termos de Ajustamento de Conduta com o Ministério Público Estadual, possibilitando a reativação de muitos garimpos que vinham funcionando na irregularidade e clandestinidade, propiciando a continuidade das atividades do garimpeiro manual em garimpos legalizados. Ainda assim, a maior parte das autorizações e registros do subsolo pertencem às empresas transnacionais, o que dificulta a continuidade da atividade garimpeira, pois sem registro do subsolo, dificulta o processo de legalização do garimpo.

Considerações finais

Movidos pela esperança de riqueza, sujeitos aos interesses de empresários locais ou de empresas estrangeiras que atuam no setor de diamantes, verifica-se que os garimpeiros enfrentam dificuldades para permanecerem no garimpo. A territorialização de empresas transnacionais no processo de apropriação do subsolo, a mecanização do garimpo e a substituição do *trabalho vivo* têm gerado o abandono e desemprego no garimpo, além do fluxo de trabalhadores garimpeiros para as periferias urbanas. Ao mesmo tempo, os garimpeiros que persistem na atividade vislumbram perspectivas, movidos pelos sonhos são fortalecidos pela possibilidade de enriquecimento ao apropriar o espaço do garimpo por meio do trabalho.

O processo de ocupação/produção do espaço pelos garimpeiros mediante o trabalho faz parte de seus interesses e preocupação com a construção do futuro, característica que se vincula a ideia de territorialidade humana. Isso, considerando que “a territorialidade humana pressupõe a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que entre os seres vivos, é privilégio do homem”. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p.19).

A atividade garimpeira deve ser assegurada, fortalecendo iniciativas inovadoras que possam assegurar trabalho, renda e inclusão social dos trabalhadores garimpeiros. Mesmo que as travagens e o estranhamento impostos pelo Estado e pelo capital através da atuação das transnacionais do setor de diamantes persistem em se expandir, em criar novas roupagens, o espaço social do garimpo ainda permanece cheio de possibilidades para os garimpeiros se (re)organizarem, como vem ocorrendo através das ações desses sujeitos por meio de cooperativas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho?** 2008. Disponível em: <<http://www.fundacentro.gov.br/dominios/CTN/anexos/Mesa%201%20-%20Ricardo%20Antunes%20texto.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2009.

BARBOSA, L. **Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas.** 1991. Disponível em: <<http://www.globalmercuryproject.org/database/Upload/Brazil%201991%20Livia%20Barbosa%20Garimpos%20Portuguese.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

BITENCOURT, M. A.; AMODEO, N.B.P. **Garimpo e cooperativas: a incompatibilidade entre dois mundos. Identidade, valores e governança das cooperativas.** 2008. Disponível em: <http://www.fundace.org.br/cooperativismo/arquivos_pesquisa_ica_la_2008/049bitencourt.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

GARIMPANDO NOTÍCIAS. **Edição especial**, Coromandel. Nº 2. Jan. 2009.

ESTATUTO DO GARIMPEIRO. Lei Nº 11.685, de 2 de Junho de 2008.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estudos Econômicos e Sociais. **Garimpeiros de Coromandel: diagnósticos e perspectivas.** Belo Horizonte, 2002.

GUIMARÃES, Bernardo. **O garimpeiro.** São Paulo: Ática, 1995.

MARTINS, M. L. **A arte de fabricar motins: os marcos regulatórios da mineração diamantífera em perspectiva histórica.** 2008. Disponível em: <http://www.igc.ufmg.br/geonomos/PDFs/16_2_69_77_Martins.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2010.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

MACHADO, M. C. T. **Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo. 1955-1985.** Tese (Doutorado em História Social) USP, FFLCH. São Paulo, 1998.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

PÓVOA NETO, H. **No caminho das pedras: itinerários na formação da mobilidade garimpeira em Goiás.** Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

THOMAZ JUNIOR, A. A Geografia do Mundo do Trabalho na Viragem do Século XXI. 2003. In: THOMAZ JÚNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos**. São Paulo: 2009. VOLUME 1. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/LD/_htm/f2.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.